

A despedida da Copa do Mundo deixa saudade, muda a rotina dos torcedores e revela por que o maior torneio do futebol vai muito além das quatro linhas

POR GIOVANNA KUNZ

Abola ainda rola na grande decisão da Copa do Mundo, mas, para milhões de torcedores, o domingo da final também marca outro momento importante: a despedida de um evento que, durante um mês, reorganizou agendas, reuniu famílias, encheu bares, movimentou conversas e fez o futebol ocupar o centro da rotina. Independentemente de quem levante a taça, o apito final encerrará um ciclo que só voltará a ser vivido daqui a quatro anos.

No Brasil, porém, a sensação de despedida começou mais cedo. A eliminação da Seleção Brasileira ainda nas oitavas de final interrompeu o sonho do hexacampeonato e transformou a reta final do Mundial em uma experiência diferente para boa parte dos torcedores. Muitos continuaram acompanhando os jogos. Outros perderam o interesse. Houve quem cancelasse festas, mudasse viagens e até deixasse de assistir às partidas com a mesma empolgação.

Entre quem acompanhou cada etapa da competição, uma sensação de vazio difícil aparece com frequência quando o torneio termina. Embora seja comum nas redes sociais a expressão “depressão pós-Copa”, especialistas explicam que o fenômeno está muito mais relacionado ao fim de uma experiência coletiva intensa do que a um quadro clínico.

Segundo o coordenador do curso de psicologia do Centro Universitário Uniceplac, Vladimir Rodrigues da Fonseca, a Copa modifica temporariamente a maneira como as pessoas organizam o cotidiano. “Durante um mês, ela organiza a atenção, os horários e até as conversas. Sempre existe um próximo jogo para esperar, um palpite para dar, uma emoção com hora marcada. Quando tudo acaba, esse combustível desaparece de uma vez e a rotina parece momentaneamente mais sem graça por causa do contraste”, explica o professor.

Para o especialista, o sentimento pode ser comparado ao retorno de uma viagem muito esperada ou ao fim de uma série acompanhada durante anos. A diferença é que a Copa acontece coletivamente. “Não terminou apenas um programa de televisão. Terminou uma experiência que milhões de pessoas estavam vivendo ao mesmo tempo. Estudos mostram que grandes competições esportivas promovem pertencimento, emoções positivas e até aliviam as tensões do dia a dia. Quando isso acaba, é compreensível



sentir uma espécie de ressaca emocional.”

A eliminação precoce da Seleção potencializa esse sentimento. “Não se perde apenas uma partida. Perdem-se todos os planos construídos em torno dela. As pessoas deixam de viver encontros, festas e experiências que já haviam imaginado. Existe a frustração pelo que aconteceu e outra pelo que deixou de acontecer.”

O professor lembra ainda que o envolvimento dos brasileiros com a Seleção vai além do futebol. “Quem se identifica fortemente com uma equipe vive os resultados dela quase como resultados pessoais. Repare que ninguém diz ‘eles perderam’. Dizemos ‘nós perdemos’. Isso mostra o quanto existe uma identidade compartilhada.”

Memórias afetivas

A psicóloga e professora Cheila Alves Dias observa que a Copa mobiliza até quem normalmente não acompanha futebol. “A Copa transcende o esporte. Ela desperta pertencimento e identidade coletiva. Durante o torneio, milhões de pessoas compartilham expectativas, comemoram as mesmas vitórias e vivem as mesmas

frustrações. Mesmo quem não acompanha futebol durante o ano acaba sendo envolvido por esse clima.”

Segundo ela, o evento desperta memórias afetivas e fortalece vínculos. “É um dos poucos momentos em que diferenças sociais, culturais e geracionais parecem dar lugar a um objetivo comum: torcer pela mesma bandeira”, aponta.

A terapeuta ocupacional Catiúscia Homem acrescenta que, do ponto de vista da saúde e da participação social, a Copa se transforma em uma ocupação coletiva. “As pessoas reorganizam hábitos, mudam horários, reúnem familiares, decoram ambientes e compartilham expectativas. Essas experiências fortalecem o sentimento de pertencimento e criam oportunidades de conexão social, algo fundamental para o bem-estar”, ressalta.

Não é apenas a paixão pelo futebol que aproxima as pessoas. É a possibilidade de criar novos rituais. Camisas da sorte, reuniões em bares, almoços de família, grupos de mensagens comentando escalafões e bolões passam a fazer parte da rotina por algumas semanas. Quando o campeonato termina, esses encontros naturalmente diminuem.